

Ciência, Espiritismo e Sociedade

Coletânea I



AEPHUS

Ciência, Espiritismo e Sociedade: Coletânea 1

Copyright by Aephus

1ª edição - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Organização: Ângela Teixeira de Moraes e Sandro Henrique Ribeiro.

Autoria: Bruno Anderson Da Motta Pinto, Gismair Martins Teixeira, Luiz Signates; Ricardo Delgado de Carvalho, Juliano Pimenta Fagundes, Rafael Martins Gomes, Ângela Teixeira de Moraes, Marcos Meigre, Carlos Alberto Biella.

Revisão: Raphaela Ferro, Alessandra Curado e Elias Inácio de Moraes.

Projeto gráfico, capa e diagramação: Juliano Pimenta Fagundes.

Ciência, Espiritismo e Sociedade: Coletânea 1 / Ângela
Teixeira de Moraes, organizadora; / Sandro Henrique
Ribeiro, organizador; / Juliano Pimenta Fagundes, designer
gráfico. – Goiânia: Aephus, 2019.
137 pgs.

ISBN: 978-65-80222-00-1

1. Ciência. 2. Espiritismo. 3. Sociedade. 4. Pesquisa Social. 5.
Fórum do Pensamento Social Espírita

DIREITOS RESERVADOS - A reprodução de trechos desta obra é permitida desde que citada a fonte.

Liberdade, igualdade e fraternidade. Estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que elas exprimem pudessem receber integral aplicação.

Allan Kardec – Obras Póstumas

APRESENTAÇÃO

Ciência, Espiritismo e Sociedade – Coletânea 1 reúne os textos das pesquisas e estudos apresentados no Fórum do Pensamento Social Espírita, realizado em Goiânia nos dias 9 e 10 de junho de 2018, em uma iniciativa da Aephus - Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

O objetivo desta obra é disponibilizar ao público as reflexões que, durante o evento, articularam o conhecimento espírita nas áreas de ciências sociais, filosofia, literatura, comunicação e terapia, seja por meio de estudos teóricos e/ou empíricos. Dessa forma, o conhecimento gerado é compartilhado entre aqueles que não puderam estar presentes nesse encontro.

O propósito do Fórum é incentivar a pesquisa entre os estudiosos da Doutrina Espírita, a fim de que os princípios kardequianos possam dialogar com as premissas contemporâneas das ciências sociais e humanas, assim como fez o codificador em sua época. Com isso, acreditamos seguir o conselho de Allan Kardec quando afirma:

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará” (A Gênese, Cap. 1, item 55).

Trata-se, portanto, de um esforço inicial por parte da Aephus em buscar a compreensão dos fenômenos sociais por meio de bases metodológicas que permitem o avanço científico do Espiritismo, dentro de uma área de conhecimento específica à qual a maioria dos autores

se filia. Além disso, defendemos o debate sadio e ético das ideias, com vistas ao amadurecimento de nossas capacidades argumentativas, razão pela qual nos abrimos às discordâncias e críticas.

Fraternalmente,
Os organizadores

SUMÁRIO

ESTUDOS SOCIAIS

1. BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO?

Bruno Anderson da Motta Pinto

10

2. ALTERAÇÕES NOS MODELOS ECONÔMICOS ATUAIS: UM INDICATIVO DE PROGRESSO DOS IDEAIS ESPÍRITAS

Rafael Martins Gomes

22

3. INCLUSÃO SOCIAL DE SURDOS NO MOVIMENTO ESPÍRITA

Juliano Fagundes

36

4. DESAFIOS DO ESTUDO DO ESPIRITISMO PARA A PESQUISA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Luiz Signates

47

ESTUDOS FILOSÓFICOS E LITERÁRIOS

5. O ETHOS FILOSÓFICO DE DELEUZE GUATTARI E A CIÊNCIA LITERÁRIA EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO KARDEQUIANO

Gismair Martins Teixeira

58

ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

**6. RAZÃO E EMOÇÃO NAS INTERAÇÕES
COMUNICACIONAIS POLÊMICAS: O CASO
DIVALDO FRANCO E A “IDEOLOGIA” DE
GÊNERO**

Ângela Teixeira de Moraes

72

**7. O ESPIRITISMO NA TELENOVELA: UM
DEBATE SOBRE GÊNERO TELEVISIVO E
RELIGIOSIDADE NO BRASIL**

Marcos Vinícius Meigre

88

ESTUDOS SOBRE TERAPÊUTICA

**8. EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DOS
EFEITOS DA IMPOSIÇÃO DE MÃOS**

Ricardo Delgado de Carvalho

104

**9. O ESPIRITISMO CONTRIBUINDO NO
TRATAMENTO DE DOENÇAS**

Carlos Alberto Biella

121



5.

O ÉTHOS FILOSÓFICO DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI E A CIÊNCIA LITERÁRIA EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO KARDEQUIANO

*Gismair Martins Teixeira*¹

¹ Professor com doutorado em Letras e Linguística pela UFG.

Introdução

A partir da publicação de “O livro dos espíritos” em 18 de abril de 1857 por Allan Kardec (2005), pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail, em Paris, na França, o espiritismo estabeleceu o marco inicial de seu desenvolvimento cultural no tempo e no espaço, passando a constituir-se um fenômeno da cultura humana passível de ser estudado sob os mais variados ângulos epistemológicos.

Neste trabalho, buscamos estabelecer uma descrição do desenvolvimento dessa corrente de pensamento sob o enfoque da epistemologia deleuze-guattariana, caracterizando-a inicialmente como uma multiplicidade que se realiza num rizoma passível de ser designado sob a rubrica de rizoma espírita-literário, de que buscaremos apresentar neste estudo as linhas mestras constitutivas no campo geral da poética, aqui entendida como a técnica escritural que permeia a cultura humana em todas as épocas e lugares.

Apresentaremos, portanto, um panorama geral da literatura em sua vertente espírita de maneira descritiva, tentando configurá-la como uma multiplicidade rizomática espiritista.

O rizoma, a multiplicidade e a literatura espírita

Embora o rizoma seja uma metáfora da epistemologia conceitual de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011, p.17) associada à botânica

como *símile*, o reino animal também fornece elementos comparativos para a sua apreensão imagética. Definem os autores o rizoma como sendo o sistema resultante da subtração do uno à multiplicidade, fazendo $n-1$ (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 21). Segundo eles:

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 21).

A partir dessa imagética botânica e animal, sobretudo no que diz respeito à concreção dos bulbos e dos tubérculos, os pensadores franceses desdobram sua abordagem de fundo heraclítico em torno do conceito. Neste contexto, o “ $n-1$ ” não representaria somente uma unidade subtraída à multiplicidade, mas, antes, uma multiplicidade cuja representação, ainda que imperfeita, poderia ser vista como o bulbo, cujo sucedâneo epistêmico é apresentado por esse termo. Conforme aparece no prefácio à edição italiana:

Mil platôs se baseia [...] em uma ambição pós-kantiana (apesar de deliberadamente anti-hegeliana). O projeto é “construtivista”. É uma teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo, ao passo que o *Anti-Édipo* ainda o considerava em sínteses e sob as condições do inconsciente. [...] As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são *singu-*

laridades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização* (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 10).

O rizoma se configura, pois, neste contexto, como modelo de realização da multiplicidade em sua polimorfia representacional singular, cujo resumo é apresentado pelos autores no recorte acima. Assim, o fenômeno rizomático da literatura espírita caracteriza para este estudo uma multiplicidade e um estamento de que destacaremos um excerto dos princípios conceituais do rizoma para dialogar com essa multiplicidade lítero-espírita.

“Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2” secciona o conceito de rizoma em seis princípios constitutivos: conexão; heterogeneidade; multiplicidade; ruptura a-significante; cartografia e decalcomania. O trabalho dos pensadores franceses traz a abordagem detalhada de cada um desses aspectos que constituem o rizoma epistemológico, de que faremos um recorte que servirá como fio condutor da correlação lítero-espírita.

Dizem Deleuze e Guattari sobre o quarto princípio constitutivo do rizoma:

4º - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiadosignificantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. É impossível exterminar as formigas, porque elas formam um rizoma animaldo qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir. Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do

rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras (DELEUZE, GUATTARI; 2011, p. 25).

Infere-se dessas considerações que a multiplicidade pode ser pensada como a estratificação do rizoma. Logo, a literatura em sua rubrica espírita pode ser considerada como estratificação de linhas de segmentaridade que a territorializam, desterritorializam-na e a reterritorializam de forma dinâmica no conjunto literário humano de que faz parte.

Acerca da literatura como um todo e suas peculiaridades culturais de país para país, afirma o crítico literário Antonio Cândido:

Em português, não há dúvida: a literatura é o conjunto das produções feitas com base na criação de um estilo que é finalidade de si mesmo e não instrumento para demonstração ou exposição. Mais restritamente, é o conjunto de obras em estilo literário que manifestam o intuito de criar um objeto expressivo, fictício na maior parte. Noutras línguas, porém, as coisas são menos simples, e demonstram com mais força do que na nossa o alto conceito que se faz geralmente da poesia como categoria privilegiada de criação espiritual. É o caso sobretudo do alemão, em que *Literatur* é termo muito geral, que levou a singulares confusões o nosso Sílvio Romero, por exemplo. *Literatur* em alemão é o conjunto de tudo o que se escreveu sobre qualquer assunto. *Dichtung* é que significa o que se escreveu em estilo literário e com intuito criador. Escritor, ou *Schriftsteller*, é o que escreve qualquer coisa, como notícias de jornal, por exemplo; *Dichter* é o escritor dotado de capacidade criadora. Em português eu posso ser um escritor, e Carlos Drummond de Andrade também o é; em alemão eu sou *Schriftsteller*, e ele um *Dichter*. Eu pertenço à *Literatur* e ele à *Dichtung* (CÂNDIDO, 1996, p. 12).

A abordagem que o renomado crítico estabelece entre a conceitualização de literatura no Brasil e na Alemanha como modelo de diferenciação cultural guarda instigantes correspondências com as noções de segmentaridade rizomática, introduzindo-nos também ao problema da literatura espírita e sua configuração como rizoma.

Sob a perspectiva de Cândido, as noções literárias nos dois países

mencionados por ele, Brasil e Alemanha, funcionam como parâmetros de ruptura a-significante para a compreensão do modelo a que denominamos rizoma espírita-literário. No modo de compreensão germânico, toda a vasta produção escrita do espiritismo está inserida na contextualização de *Literatur* (CÂNDIDO, 1996, p. 12). Já no modo de compreensão brasileiro, a literatura seria caracterizada pelas produções criativas do *Dichtung* (CÂNDIDO, 1996, p. 12).

Considerado, pois, o enfoque germânico da interação espiritismo-literatura, a obra de Allan Kardec, por exemplo, seria pensável como um tipo específico literário, enquanto a produção romanesca de autores diversos com temática espírita seria analisável com outra especificidade. O modelo brasileiro parece ser mais sintético, funcional, quando pensado sob a angulatura da proposta conceitual do rizoma.

Decorre, portanto, das considerações de Cândido em torno das especificidades literárias uma homologia em relação à multiplicidade rizomática aplicada à literariedade no espiritismo. A literatura espiritista é uma concreção que passa a existir a partir de determinado momento, desdobrando-se temporal e espacialmente numa espiral que se pode supor, por agora, infinita.

Assumindo neste estudo o rizoma espírita-literário sob uma perspectiva germânica, insta observar as palavras de Allan Kardec em torno da literatura *Dichtung*, a que se refere Antônio Cândido, e sua expressão espiritista. Afirmo o sistematizador da doutrina em seu periódico “Revista espírita: jornal de estudos psicológicos” do mês de maio de 1868:

A literatura contemporânea, periódica ou não, impregna-se diariamente de ideias espíritas. Tanto é verdade, como dissemos há muito tempo, que essas ideias são uma mina fecunda para os trabalhos de imaginação, rica em quadros poéticos e em situações empolgantes. Assim, os escritores aí já colhem a mancheias. As doutrinas materialistas lhe oferecem um campo muito limitado, muito prosaico. O que daí se pode tirar, de natureza a tocar o coração e a elevar o pensamento? Que poesia oferece a perspectiva do nada, da destruição eterna de si mesmo e daqueles a quem estimamos?

O materialista sente a necessidade de falar à alma de seus leitores, se não as quiser gelar; de emprestar uma alma a um de seus personagens, se quiser que se interessem por ele. Em todos os tempos, os poetas e os literatos tomaram das ideias espiritualistas suas mais belas imagens e suas mais comovedoras situações. Mas o Espiritismo, hoje, definindo as crenças no futuro, dá um corpo aos pensamentos e uma intensidade que eles não tinham; abre um novo campo que começa a ser explorado. Disto já temos citado numerosos exemplos, e continuaremos a fazê-lo de vez em quando, porque é um sinal característico da reação que se opera nas idéias. Além das obras literárias propriamente ditas, também a imprensa registra diariamente, fatos que entram no quadro do Espiritismo (KARDEC, 2018b, s.p.).

Ou seja, se tomada em consideração a abordagem de Antônio Cândido sobre o fenômeno literário e sua globalidade, as palavras de Kardec sobre o tema assumem foros de metalinguagem, que é caracterizada pela explicação do código sobre o próprio código; no caso, a codificação semiológica literária.

Já em uma abordagem em torno da relação espiritismo e literatura, agora sob as lentes do modelo brasileiro de ver o problema, Rivail escrevera em sua revista mensal de fevereiro de 1865 um texto motivado por uma pergunta que problematizava importante ângulo da presença espírita na cultura humana. Sob o título de “Obras-primas por via mediúnica”, o texto tem como base a pergunta: “Por que os Espíritos dos grandes gênios que brilharam na Terra não produzem obras-primas por via mediúnica, como fizeram em vida, considerando-se que sua inteligência nada perdeu? (KARDEC, 2018a)”.

O texto kardequiano disserta sobre a proposição nos seguintes termos:

Esta pergunta é, ao mesmo tempo, uma daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como assunto de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. “Essas obras superiores, dizem estes últimos, seriam uma prova de identidade própria para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos mediúnicos assinados pelos mais ilustres nomes quase não se elevam acima da vulgaridade. Até agora

não se cita nenhuma obra capital que possa aproximar-se das dos grandes literatos e dos grandes artistas. “Quando eu vir, acrescentam alguns, o Espírito de Homero dar uma nova *Iliada*, o de Virgílio uma nova *Eneida*, o de Corneille um novo *Cid*, o de Beethoven uma nova sinfonia em la ou um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei crer na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que neles creia, quando vejo dar seriamente, sob o nome de Racine, poesias que um aluno de quarto ano corrigiria; atribuir a Béranger versos que não passam de finais mal rimados, sem espírito e sem sal, ou emprestar a Voltaire e Chateaubriand uma linguagem de cozinheira?” Há nesta objeção um lado sério, é o que contém a última parte, mas que não denota menos a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se os que a fazem não julgassem antes de havê-lo estudado, poupar-se-iam de uma tarefa inútil (KARDEC, 2018a).

Na sequência, Kardec explana sobre a ignorância em relação aos princípios básicos do espiritismo por parte daqueles que exigiam tais provas, assim como trata também da imprudência de espíritas entusiastas que publicavam produções indignas dos nomes que supostamente as assinavam, referindo-se à imissão dos espíritos inferiores que tomam nomes veneráveis sem o menor escrúpulo para mistificar (KARDEC, 2018a).

Nesse mesmo texto, Allan Kardec faz referência ainda às complexidades da fenomenologia mediúnica, enfatizando que para que haja a produção de tais obras é necessário que existam médiuns que tenham um desenvolvimento intelectual significativo para que possam servir de instrumento aos espíritos desencarnados que queiram produzir algo digno de suas produções como escritores encarnados.

Vale ressaltar que se infere dos princípios espíritas como um todo que Allan Kardec e os espíritos se referem ao desenvolvimento intelectual não especificamente da atual encarnação, mas também das existências anteriores, quando o medianoiro pôde desenvolver-se intelectualmente nas mais diferentes áreas do conhecimento. Uma evidência disso pode ser percebida na trajetória biográfica de médiuns como

Francisco Cândido Xavier que, sem possuir formação acadêmica, deixou uma produção escrita assombrosa tanto pela quantidade quanto pela qualidade e diversificação temática.

Em seguida às suas ilações a respeito do assunto, Allan Kardec transcreve a opinião dos espíritos a respeito da produção de obras-primas por via mediúnica. Ao exarar considerações consonantes com a do sistematizador da doutrina espírita, a entidade espiritual Erasto conclui sua fala com as seguintes palavras: “Em suma, nada é absoluto e sempre chegará uma hora mais fecunda, mais produtiva que a hora precedente (ERASTO, 2018a)”.

Observando-se as palavras de Erasto com o distanciamento histórico necessário, pode-se concluir que elas foram proféticas. Dentre os diversos exemplos possíveis que poderiam servir de apoio a esta conclusão, recortaremos para este estudo o caso da produção do gênio do romantismo francês, Victor Hugo.

Considerando-se o espiritismo como um rizoma que possui suas especificidades, dentre as quais ressalta a da sobrevivência do ser à morte corporal e a conseqüente possibilidade de comunicação com os entes que aqui ficaram, através do fenômeno mediúnico, o espírito do escritor francês tem registrado uma significativa produção pós-morte através da mediunidade de Zilda Gama e de Divaldo Pereira Franco. A primeira, já falecida. O segundo, ainda em atividade, em longeva e profícua existência.

Detalhar a produção do espírito por ambos os médiuns é tarefa que vai muito além da exiguidade espacial de que dispomos no momento. Aqui, apresentaremos inicialmente a instigante referência do médium Franco ao seu contato mediúnico com o espírito do genial escritor francês, o que se insere na proposta deste trabalho, que pretende apresentar uma breve descrição correlacional entre o espiritismo e a literatura.

Em “O semeador de estrelas”, obra de cunho biográfico sobre o médium brasileiro nascido em Feira de Santana, na Bahia, Suely Cal-

das Schubert registra o depoimento de Divaldo Pereira Franco sobre o seu primeiro contato medianímico com a entidade Victor Hugo:

No mês de abril de 1970, terminando as palestras feitas em Juiz de Fora, na Semana do Livro, retornei ao Rio numa Kombi, já à noite, deixando, por distração, o quebra-vento aberto. Era uma noite muito fria e eu me gripei. Cheguei ao Rio afônico e com uma febrícula. No dia seguinte passei com muita febre e, à noite, apesar de medicado, a gripe não amainou. Era o dia de Culto evangélico, na casa de Celeste e Lena e não pude participar, tal o estado de prostração em que me encontrava. As duas amigas e Honorata, a auxiliar, começaram o Culto, quando de repente vi entrar, no quarto onde me encontrava, uma Entidade veneranda que me disse: - Eu sou Victor Hugo. Há alguns anos venho entrando em contato psíquico contigo, inspirando-te na narração de alguns fatos nas conferências, para gerar um clima de sintonia. Tenho uma tarefa a propor-te: eu gostaria de escrever dez romances através de ti. Fiquei muito surpreso, porque jamais me havia passado pela mente ser “médium de romance”. Acreditava que essa parte da psicografia ficaria reduzida a páginas soltas, a temas evangélicos, a estudos doutrinários breves, e julguei que, o que via e ouvia, era uma alucinação, um delírio proveniente da febre. Mas, o Espírito instou e propôs-me: - Por favor, levanta-te, toma do material, que eu quero escrever. Ainda assim, pelo estado em que me encontrava, não me animei, por estar convencido de que era uma alucinação, já que eu não tinha condições de ser médium de uma Entidade tão nobre. Todavia, o Espírito voltou a insistir e Joanna de Angelis me apareceu, confirmando-o para tirar-me a dúvida e pediu-me que fizesse um esforço, porque a febre e aquele estado psicológico especial eram também um recurso de que Victor Hugo usava para “quebrar” as minhas resistências de personalidade, a fim de que meus clichês mentais - pelo hábito de falar incessantemente - não viessem a interferir na obra que ele tinha preparado para ser psicografada. Com muito esforço levantei-me e, apoiando-me à parede, fui até à sala. Quando Celeste e Lena me viram, muito pálido e tiritando de frio e febre, ficaram muito surpresas; eu lhes expliquei a ocorrência. Foi providenciado papel, até papel de embrulhar pão, que foi recortado, e outras folhas soltas. Sentei-me à mesa, pedi-lhes a colaboração, e como estava na parte final do Culto evangélico, antes da prece derradeira, o Espírito veio, curvou-se sobre mim, e, quando começou a escrever, deu-se um fenômeno que, a partir daí, me seria familiar: à medida em que a mão escrevia, eu tinha a sensação de estar no cinema, vendo a projeção de um filme,

mas um filme em “tecnicolor”, em tela muito ampla, com uma beleza incomparável. Quando voltei ao normal e li a mensagem que se intitulava “O Duque di Biccidi M.”, era exatamente o que tinha visto psicicamente, com a diferença de que eu observava muito mais do que estava escrito. Era como se eu tivesse ido ao cinema com um cego e fosse descrever-lhe o que estava vendo. O que eu via era muito mais do que podia transmitir. Ao terminar a psicografia eu estava total e radicalmente curado, bem disposto, passaram a febre, a indisposição; eu me recuperei. No dia imediato, pela manhã, o Espírito escreveu mais dois capítulos e determinou o programa de prosseguimento do trabalho (SCHUBERT, 1989, p. 88).

Prossegue o médium baiano a sua narrativa, de que se infere todo um mundo de possibilidades exegéticas no âmbito da teoria literária:

Houve um fato muito curioso. Uma das personagens, Girolamo, havia, num desses capítulos, cometido um crime hediondo e, como eu o vira, fiquei muito chocado; aquilo me produziu um certo ressentimento contra a personagem e, naturalmente, enquanto aguardava o desenvolver do romance, comecei a imaginar como é que a Lei iria alcançá-lo, a fim de que resgatasse aquele crime - ele matara três crianças de uma forma impiedosa, depois de dar-lhes um narcótico, porque ia ser o legatário dos bens, caso as crianças, herdeiras diretas, viessem a desencarnar. Quando fui psicografar, com esse estado de alma, Victor Hugo esclareceu: - Você não pode interferir na trama do meu livro. Essas personagens desencarnaram no século XVIII, e você está criando clichês mentais que me irão dificultar a narrativa. Por favor, não antecipe o desenvolvimento do romance. Para minha surpresa, Victor Hugo, a partir daí, começou a escrever de uma forma que não dava o encadeamento; ele não numerava os capítulos e eu me dava conta que era, digamos, o capítulo sexto, o décimo, a segunda parte do livro, etc. Somente quando terminou a obra, que eu ia datilografar, é que me pediu que numerasse os capítulos nas folhas, a lápis, que eu grampeava e colocava num classificador, perfuradas, para facilitar a movimentação. Aí então, enquanto datilografava, já coordenado, tive a idéia de toda a trama da obra. Foi um fato muito curioso, uma grande lição para mim. Mais tarde, quando veio escrever outro livro, *Do Abismo às Estrelas*, eu já estava mais adestrado e ele me disse que ia usar um tipo de literatura que chamaria de “sincopada”. A mentalidade moderna não permitia mais as narrações antigas, minuciosas, estilo folhetim, em que o autor ganha-

va pelo número de frases e quanto mais rendia, à semelhança das nossas novelas, melhor para o próprio autor. Hugo então me explicou que iria fazer obra doutrinária, porque não tivera oportunidade, na Terra, no seu tempo, desde que a “Voz do Sepulcro” o chamou para a seara espírita, de dar a contribuição que gostaria de oferecer ao Movimento Espírita. Utilizando-se de Zilda Gama, que fora sua filha na reencarnação anterior, ele conseguiu fazer um trabalho muito próprio também para a época em que vivia a médium. Agora, ele ia ter características mais modernas, em que faria a narração e, periodicamente, a interromperia para estudo de itens importantes, deixando entre espaços o comentário filosófico, psicológico, doutrinário, do trabalho, para adestrar o leitor que, por acaso, não conhecesse a Doutrina Espírita, a fim de entender a trama da Justiça Divina, e, para o espírita, a fim de corroborar e estimulá-lo a cada vez mais entender melhor os ensinamentos que a Doutrina revela (SCHUBERT, 1989, p. 88).

Em sua obra, Suely Schubert traz narrativas como esta, de que retira elementos para analisar a trajetória de seu biografado no contexto cultural do espiritismo. A produção mediúcnica de Divaldo Franco ainda traz a participação de outras entidades espirituais ligadas ao mundo da literatura. O espírito que dirige suas atividades espirituais, conforme o próprio médium, foi importante personalidade mexicana no campo das letras, que serviu de inspiração para a produção de importantes teóricos da literatura, como o mexicano Octavio Paz, conforme já pudemos registrar em outro momento (TEIXEIRA, 2016).

Dentre os diversos campos epistemológicos da teoria literária com que o material produzido pela parceria Divaldo Franco-Victor Hugo (espírito) se torna passível de ser analisada, o da crítica genética pode ser magnificamente contemplado na exposição que o médium brasileiro fez da produção textual primeira de Hugo por suas mãos.

A crítica genética tem como fundamento a análise detalhada dos rascunhos que o autor fez antes que a obra em si ganhasse publicidade. Essa corrente de análise literária suscita instigantes estudos e abordagens em torno da produção do escritor *Dichtera* que Antônio Cândido se refere. No caso do espiritismo, há um elemento cultural bastante en-

riquecedor, que passa pelas extraordinárias complexidades subjetivas que caracterizam a natureza humana em sua globalidade.

Conclusão

Há um rizoma espírita-literário. O rizoma é a concreção, a materialização, a multiplicidade de um dado fenômeno seccionado do todo da cultura universal. Esse seccionamento, porém, não representa isolamento, mas identidade própria, e se liga a diversos outros fenômenos por hastes rizomáticas em todas as direções.

A literatura espírita se constitui uma multipheidade, um rizoma. Possui a sua especificidade, a sua identidade, já muito bem definidas por uma vastíssima massa crítica que cada vez mais se expande. Neste estudo apresentamos uma sucinta descrição do fenômeno espírita-literário que assenta bases para ulteriores pesquisas que verticalizem objetos específicos para análise. O veio é inesgotável, vasto, formando platô que permanece praticamente ignorado pela práxis acadêmica em geral.

O estudo da literatura espírita pode e deve ter a dimensão da sua amplitude, que conjuga fatores outros de que a exegese literária tem se servido. Psicologia, sociologia, antropologia e praticamente todas as outras instâncias de conhecimento da cultura humana representam possibilidades que se apresentam ao pesquisador interessado em estabelecer correlações entre a produção literária espírita e não espírita e a cultura humana em geral.

Neste trabalho, buscamos evidenciar essas possibilidades, que se apresentam ao pesquisador não somente do campo literário, mas também da linguística, do estruturalismo e do pós-estruturalismo e suas diversas vertentes e correntes de pensamento.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

ERASTO. In: **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos**. Disponível em <<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/899/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1865/5748/fevereiro/perguntas-e-problemas>> Acesso em 02 jul. 2018a.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Matheus R. de Camargo. Capivari, SP: Editora EME, 2005.

_____. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos**. Disponível em <<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/899/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1865/5748/fevereiro/perguntas-e-problemas>> Acesso em 02 jul. 2018a.

_____. **Revista espírita: jornal de estudos psicológicos**. Disponível em <<https://www.kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/902/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1868/6252/maio/o-espiritismo-em-toda-a-parte>>. Acesso em 2 jul. 2018b.

SCHUBERT, Suely Caldas. **O semeador de estrelas**. Salvador: Livraria Alvorada, 1989.

TEIXEIRA, Gismair Martins. **“Joana de Ângelis, o imaginário espírita”**. Disponível em <<https://www.dm.com.br/opiniao/2016/02/joana-de-angelis-o-imaginario-espirita.html>>. Acesso em 2 jul. 2018.